



THE WORLD BANK

Working for a World
Free of Poverty

COMUNICADO DE IMPrensa

Comunicado de Imprensa N°
2010/096/PREM

Contatos:
Em Washington: Alejandra Viveros + 1 (202) 473-4306
Aviveros@worldbank.org

Os países em desenvolvimento resgatam a economia global

Eles respondem por metade do crescimento global e superarão o PIB dos países desenvolvidos até 2015.

WASHINGTON, 27 de setembro de 2010 – Enquanto o mundo rico põe a casa em ordem, os países em desenvolvimento estão se tornando um novo motor do crescimento global, puxando as economias avançadas, afirma um novo livro de autoria de economistas do Banco Mundial.

De acordo com “**The Day After Tomorrow: A Handbook on the Future of Economic Policy in the Developing World**” (O dia depois de amanhã: Um manual sobre o futuro da política econômica no mundo em desenvolvimento), atualmente quase metade do crescimento global provém dos países em desenvolvimento. Projeta-se que, como grupo, o tamanho de suas economias ultrapasse a dos países desenvolvidos em 2015.

“Os países em desenvolvimento estão resgatando a economia global”, afirmou Otaviano Canuto, Vice-Presidente do Banco Mundial para Redução da Pobreza e Gestão Econômica e co-editor do livro. “Esses países são as novas locomotivas que farão avançar o crescimento global, enquanto que os países de alta renda permanecem estagnados”.

Segundo o livro, o crescimento nos países em desenvolvimento deve atingir 6,1% em 2010, 5,9% em 2011 e 6,1% em 2012, enquanto as cifras correspondentes para os países de alta renda são 2,3%, 2,4% e 2,6%. Essas perspectivas divergentes de crescimento continuam no médio prazo. Cinco fatores são responsáveis por isso: aprendizagem tecnológica mais rápida; maiores classes médias; maior integração comercial Sul-Sul; preços mais altos das commodities; e balancetes mais saudáveis que permitirão o financiamento de investimentos em infraestrutura.

“O horizonte econômico do mundo em desenvolvimento é promissor”, afirmou Marcelo Giugale, Diretor do Banco Mundial para Redução da Pobreza e Gestão Econômica na América Latina e Caribe e co-editor do estudo. “O reequilíbrio do crescimento global rumo a uma multiplicidade de motores dará nova relevância aos países em desenvolvimento. Mas também mudará suas agendas de políticas: em média, a gestão econômica será mais sólida, governos serão melhores e o início do fim da pobreza estará ao alcance”.

O estudo assinala que os países em desenvolvimento deveriam aproveitar-se de suas posições fiscais relativamente mais saudáveis para promover o crescimento inclusivo. Isto significa uma melhor focalização dos programas sociais, mais ênfase no oferecimento de oportunidades iguais às pessoas e no desenvolvimento de ambientes de negócios que facilitem a criação de empregos formais.

Outras tendências emergentes nos países em desenvolvimento identificadas no livro incluem a recuperação das remessas, o aumento do comércio Sul-Sul, mais investimentos por parte de fundos soberanos, uma gestão mais conservadora das dívidas e progressos por parte de muitos governos em recuperar a confiança pública.

Segundo a publicação, regiões como o Leste Asiático, a América Latina, o Sul da Ásia e, em breve, a África têm potencial para se tornarem “recém-desenvolvidas.” A seguir, alguns dos destaques por região:

Na **África Subsaariana**, a região mais pobre do mundo, estima-se que entre 7 e 10 milhões de pessoas a mais tenham sido lançadas na pobreza pela crise. No entanto, as perspectivas de crescimento acelerado do continente são boas enquanto

houver o compromisso com políticas adequadas. Estas deverão focar os desafios de infraestrutura, criação de empregos, governança e assistência reduzida.

A região do **Leste Asiático e Pacífico** está frente da resposta mundial à crise, mas ainda precisa avançar na integração econômica e em mudanças climáticas. Na China é preciso haver certo “reequilíbrio” por meio da expansão do consumo interno e do setor de serviços. Os países de renda média, como a Indonésia, a Malásia, as Filipinas e a Tailândia, precisam entrar nos mercados baseados no conhecimento e na inovação, ao passo que a facilitação comercial será a chave para países de baixa renda como o Camboja, a República Democrática Popular do Laos e o Vietnã.

A região da **Europa do Leste e Ásia Central** foi a mais duramente atingida pela crise global. Seu crescimento diminuiu 12 pontos percentuais entre 2007 e 2009. Como resultado, muitas das conquistas anteriores foram perdidas. Para avançar, a região precisa melhorar sua competitividade e por a provisão de serviços sociais em um caminho fiscalmente sustentável.

Na **América Latina**, o crescimento foi interrompido e a pobreza (US\$ 4 por dia) aumentou em cerca de oito milhões de pessoas como resultado da crise. Mas não houve um cataclisma econômico ou social graças ao progresso alcançado na década passada na gestão macroeconômica e em políticas sociais mais eficientes. Salvo outros choques externos, a região está bem posicionada para iniciar um processo de desenvolvimento rápido e sustentado.

Na região do **Oriente Médio e Norte da África**, a crise econômica provavelmente resultará em que mais 2,6 milhões de pessoas caiam na pobreza até 2011 e a piora do problema de desemprego. Os países do Golfo estão liderando a recuperação regional, apoiados nos preços mais altos do petróleo e em setores financeiros mais estáveis. A chave para destravar o enorme potencial da região é abrir as portas para uma nova geração de empresários privados, incluindo a plena participação das mulheres na vida econômica.

O **Sul da Ásia** foi a região que melhor enfrentou a crise e a primeira a retornar ao caminho do crescimento, mas a pobreza persiste - 600 milhões de pessoas ainda vivem com US\$ 1,25 por dia. Portanto, o desafio é tornar a recuperação mais sólida, inclusiva e sustentável. A prioridade é reduzir os déficits fiscais e controlar o acúmulo da dívida, a fim de criar espaço fiscal para programas sociais e infraestrutura essencial. Aprofundar a integração comercial será um elemento crítico.

-###-

A publicação e outros materiais estarão disponíveis ao público no site:
<http://go.worldbank.org/TPPWANWXR0>